

SEÇÃO DE ENTREVISTAS

Matusalém Florindo

A seção de entrevistas da *Revista Sinais* é um espaço de reflexão e análise, onde nossos leitores terão a oportunidade de conhecer melhor os pesquisadores, professores, intelectuais, escritores e artistas ligados ao NEI – Núcleo de Estudos Indiciários do Departamento de Ciências Sociais/UFES.

Dúvidas, críticas e sugestões podem ser encaminhadas para o e-mail: matuflorindo@hotmail.com.

Entrevista de Márcia Barros Ferreira Rodrigues – Professora do Departamento de Ciências Sociais e Coordenadora Geral do NEI, concedida à editora Lohaine Barbosa, em 08/04/2007.

Dr^a. Márcia, primeiramente gostaria de parabenizá-la pelo NEI e, principalmente, pela “Revista Sinais”, que é mais uma realização do Núcleo de Estudos Indiciários. Gostaria que você explicasse para mim e para todos os interessados, como surgiu o NEI?

O NEI surgiu da minha experiência de solidão acadêmica e da necessidade de diálogo sobre problemas de ordem metodológica e temática nas ciências sociais no mundo contemporâneo, além das questões subjetivas ou político-afetivas que nos atingem cotidianamente. Essa demanda teve origem na “Escola de Niterói”, a qual eu pertencço, e que tem se caracterizado por um grupo de professores e alunos da UFF da área das ciências humanas e sociais, que desde a década de 1970 se inscrevem no diálogo “inter” e “transdisciplinar” para pensar temas candentes da sociedade brasileira e da ordem mundial. No caso da minha geração, essa “escola” exerceu sua influência particularmente através Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho. Por circunstâncias políticas e conjunturais, na década de 1990, eu e outros colegas dessa “escola” tentamos

e conseguimos fazer carreira profissional nas ciências sociais fora do Rio de Janeiro. Esse fato, a princípio, me distanciou da “escola”, entretanto, assim que me estabeleci em Vitória e na UFES, retomei os laços afetivos e vínculos acadêmicos com meus queridos mestres e desde então procuro estabelecer na UFES, por meio de aulas e da orientação dos alunos, a marca da minha formação. Entretanto, por uma série de motivos, não foi possível estabelecer esse vínculo com os professores do meu departamento. Após alguns anos de amadurecimento pessoal e afetivo, senti que poderia ousar realizar um empreendimento acadêmico da envergadura do NEI. Nessa ocasião tentei com meus alunos do mestrado de História Social das Relações Políticas um diálogo, e foi assim que procurei o meu orientando, o professor Claudio Marcio Coelho, e apresentei-lhe o paradigma indiciário. Houve recíproca de imediato e, a partir daí, começamos a idealizar o NEI. Elaboramos o regimento que foi encaminhado à aprovação do DCSO e das instâncias competentes, até culminar com a aprovação do NEI, em 21 de março de 2006.

Quais são os objetivos do NEI? Você acredita que eles estão sendo alcançados?

Os objetivos do NEI, e que estão sendo cumpridos, baseiam-se em três pilares: desenvolver pesquisas no campo das ciências humanas, sociais e afins; implementar projetos e linhas de pesquisa no curso de ciências sociais; promover eventos de caráter “inter” e “transdisciplinar” na universidade. Sempre com respeito às diferenças, sem negligenciar as hierarquias, tanto do saber acadêmico como dos profissionais envolvidos. A liberdade não significa falta de limite, inclusive ela só pode ser exercida a partir de limites estabelecidos e claros. Quanto às minhas expectativas com o NEI, foram superadas pela rapidez como tudo aconteceu e pela proporção que os trabalhos tomaram em apenas um ano de existência.

Dr^a. Márcia, o NEI é uma instituição bastante recente na história da UFES, mas tem realizado muitos trabalhos e recebido elogios por um grande número de estudantes, professores, pesquisadores e até mesmo visitantes. A que você atribui esse sucesso?

Eu atribuo esse sucesso à competência de nossa equipe de trabalho, à coragem com que recebemos os desafios e à generosidade e tolerância com que recebemos os desafetos. Também à convivência democrática entre os vários níveis de saber presentes no NEI: ensino médio, graduação, mestrado e doutorado. E ainda à condução criteriosa e a seriedade das pesquisas, ao convívio acolhedor com o público eclético que procura o Núcleo.

Você é uma mulher inteligente, atua como cientista social e historiadora. Mas também é mãe. Como consegue administrar tantas funções?

Obrigada pelos elogios, mas como tantas mulheres que possuem uma vida ativa profissionalmente, a minha não é diferente, ou seja, os desafios são cotidianos e, na medida do possível, procuro conciliar essas tarefas. Nem sempre consigo, mas estou satisfeita com o resultado de meu desempenho nesses papéis.

Qual foi o maior desafio de sua vida?

Tem sido o de ser mulher, pois os desafios dessa condição são inúmeros, em todos os campos, mas é exatamente isso que proporciona prazer e vontade de seguir em frente, criando como mãe e educadora, pessoas mais generosas para um mundo mais fraterno e feliz.

O fato de ser uma mulher inteligente, independente, bonita e bem sucedida já te atrapalhou em sua vida profissional e familiar?

Sim, por várias vezes. Mas como eu disse, faz parte dos desafios. O importante é seguir em frente, afinal, como já disse o poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

Qual é a receita de seu sucesso profissional?

Além de estudar muito e ter um objetivo definido, paciência e respeito às hierarquias acadêmicas. Respeito aos clássicos e aos mestres. Tudo tem seu tempo. Como Freud já disse: “Aquele que sabe esperar não precisa fazer concessões”. Portanto, se você fizer a sua parte e souber esperar o momento adequado para enfrentar o desafio a que se propôs, não faltarão oportunidades e mãos amigas para conduzir seu caminho. Comigo foi assim, e sou infinitamente grata a todos aqueles que em momentos difíceis acolheram minhas angústias, ajudando a sustentar meus sonhos e superar os obstáculos. Entre eles meu pai, José Ferreira Rodrigues, meu tio amado Alberto Raiol de Barros, minha mãe Olgarina Barros F. Rodrigues. Os professores, amigos e companheiros Gizlene Neder, Gisálio Cerqueira Filho, Luiz Otávio Ferreira, Aloízio (Cacique), Anita, Sônia Valente, Ubiracy de Souza Braga, Múcio e Neuza, Carlos Vinícius C. de Mendonça, Kátia Marques, Maria Angela Soares, Cíntia Ávila de Carvalho, Sérgio Antônio Mourão, Neide Maria de Oliveira, Márcia Fracalossi, Jesse Jane, Jeanne Bilich, Maria Helena de Almeida Macedo, Clarckson Diniz e Claudio Marcio. Agradeço particularmente a meu filho amado e querido, Leonardo Vinícius Rodrigues de Mendonça, que me ensina sempre e enternece meu coração e, a meu marido Marcos Antônio de Almeida Silva, que nas agruras do cotidiano caminha comigo na trilha tortuosa, mas ao mesmo tempo prazerosa, da vida.

Acho que essa é uma curiosidade pessoal (risos). Qual foi a sua maior vitória e sua maior derrota? Arrepende-se de algo que tenha feito?

Minha maior vitória foi chegar à posição profissional e ao amadurecimento pessoal que me encontro hoje, além de poder criar meu filho dentro dos parâmetros que considero adequados. Derrota não tive, pois considero que aprendi muito com os fracassos temporários que a vida me proporcionou, portanto não me arrependo de nada. Tudo foi importante e serviu de aprendizado.

Quais são as suas expectativas para o futuro do Núcleo? Seus principais desejos para o NEI?

Espero que o NEI se consolide como núcleo de pesquisa que prima pela competência sem perder a ternura... E futuramente gostaria que o NEI se transformasse em um respeitado instituto de pesquisa na área das humanidades, podendo, assim, contribuir para a consolidação da metodologia indiciária e a implementação de projetos que vão ao encontro das expectativas e desafios da contemporaneidade.

Na sua avaliação, o que a “Sinais” significa para o NEI e para a Universidade Federal do Espírito Santo?

“Sinais”, como o nome já enuncia, pode ser entendido, indiciariamente, como prenúncio, antecipação do que está por vir. É assim que vejo a revista, como uma porta aberta para todos aqueles que querem ver para além do que já está posto, ver adiante, com esperança, sempre. Sou otimista de carteirinha e não gosto de conformismo, pois o real sempre roda, muda e põe adiante. O desafio está em ir além e renascer das cinzas.

———— x ————

Fim

Entrevista de Claudio Marcio Coelho – Mestrando em História Social das Relações Políticas da Ufes e Coordenador Administrativo do NEI (Núcleo de Estudos Indiciários) concedida ao editor Matusalém Florindo, em 07/04/2007.

Professor Claudio Marcio, você é coordenador administrativo e financeiro do NEI e foi professor substituto do departamento de ciências sociais por mais de uma vez. Além disso, sua formação também foi aqui na UFES. Como foi sua escolha pelas ciências sociais?

Ingressei na Universidade Federal do Espírito Santo em 1993, no curso de Geografia, nesta ocasião eu estava com 25 anos. Lembro-me que concedi uma entrevista ao jornal A Gazeta sobre minha decisão de ingressar na universidade, apesar de ser demitido da empresa de engenharia civil onde trabalhava como projetista. Todos diziam que eu deveria estudar engenharia, mas sentia-me seduzido pelas ciências humanas. Hoje vejo que tomei a decisão correta. Passei no vestibular para o curso de Geografia. Desejava compreender as relações sociais, políticas e econômicas. Infelizmente, naquela época, o curso estava mais voltado para as áreas de geografia física. Então tomei a decisão de fazer outro curso. Fiquei indeciso entre História, Filosofia e Ciências Sociais. Minha decisão pelas ciências sociais me obrigou a fazer um novo vestibular, mas eu estava decidido e fascinado com a Sociologia e a Antropologia que aprendi ainda no primeiro curso. Iniciei o curso em 1996, e mergulhei nas obras de pensadores como Karl Marx, Bronislaw Malinowski, Edgar Morin, Gilberto Freyre, entre outros. O que me fascinava nestes pensadores não era o núcleo duro de suas teorias, seja o materialismo histórico dialético de Marx ou o paradigma da complexidade de Morin, por exemplo. Me sentia atraído pela sensibilidade política de Marx por convocar a humanidade ao altruísmo social – a possibilidade de superação das desigualdades e a construção de uma sociedade pautada em parâmetros humanistas; pela sensibilidade antropológica de Malinowski ao elaborar sua etnografia da alteridade. Muito embora tenha me decepcionado com a revelação de seu diário, não renunciei ao projeto antropológico de aprender com as diferenças; pela sensibilidade de Morin ao escavar as origens

biológicas, psicológicas e sociológicas da evolução humana: seus estudos sobre sociogênese e antropogênese, revelando o desenvolvimento das “sensibilidades” humanas – a razão, a emoção, a percepção, os sonhos, os medos... a vida social; pela narrativa poética de Gilberto Freyre e sua introspecção minuciosa do passado. Seu retorno emocionado ao tempo de sua infância me proporcionou a experiência de reconquistar minhas lembranças pela memória: a casa, a criança, os brinquedos, as histórias dos antigos, as cantigas de ninar, as pessoas que amei (e amo)... a saudade... e o conforto por reviver estas emoções. Minha opção pelas ciências sociais poder ser explicada pelo desejo poético de compreender o homem e suas “sensibilidades”.

Atualmente, em vias de conclusão do mestrado em História Social das Relações Políticas, pelo departamento de história desta universidade, gostaria que você me falasse um pouco das ciências sociais na contemporaneidade. Mas eu queria que você falasse principalmente da sua relação afetiva com as ciências sociais. O que te fascina e o que te decepciona nesta área?

Sinto-me fascinado pela possibilidade de compreender o homem por diversas dimensões: política, sociológica, cultural... A fusão dos olhares, como diria Clifford Geertz. Aprendendo com a conciliação de possibilidades posso enriquecer meu próprio olhar, tornando-me melhor em todos os aspectos da vida – intelectual, profissional, afetiva... Como professor, posso auxiliar meus alunos na desafiadora tarefa de investigação e análise acerca das relações sociais e suas implicações na contemporaneidade. Fico decepcionado quando vejo cientistas sociais razoavelmente inteligentes insistindo em velhas práticas acadêmicas. Alguns usam o espaço de sala-de-aula para lançar seus dardos inflamados (e ideológicos) contra seus oponentes – pouco conteúdo e muita ideologização –, negam aos alunos as ferramentas teóricas e metodológicas dos autores discutidos por uma pretensa missão de despertá-los da ignorância; outros preferem a racionalização extrema, fria e positivista, sem espaço para a poesia, para os sentimentos ou para a incompletude. Não admitem a incerteza. Não sabem lidar com as limitações da razão e da ciência. Seus programas foram elaborados com o objetivo de bombardear os alunos com algumas

dezenas de autores e conceitos para que não tenham tempo de “sentir”, de “vivenciar”, de se “emocionar”. Só lhes resta pensar, racionalizar, cristalizar o pensamento; outros ainda, não conseguem se desvencilhar da vassalagem intelectual européia e não se arriscam em incluir autores latino-americanos em seus programas; alguns são tão especialistas que não se esforçam para estabelecer um diálogo com outras áreas como a literatura, a psicologia, a história, a filosofia, a geografia. Fico muito decepcionado com nossas contradições: em uma área pretensamente intelectual como a nossa, ainda convivemos com cientistas sociais vergonhosamente racistas, homofóbicos, misóginos...

A seção de entrevistas da “Sinais” pretende ter a educação como um tema relevante de discussão e reflexão para compreendermos os problemas sociais da atualidade Como acadêmico e educador, o que você tem a dizer sobre a situação educacional brasileira?

Deficiente, medíocre e inoperante. Sempre estudei em escola pública, nunca estudei em cursinhos, mas passei no processo seletivo da Escola Técnica e da Ufes. Estes feitos exigiram muito esforço pessoal, mas eu tive a oportunidade de estudar no antigo sistema de polivalentes. Nas décadas de 70 e 80, o governo militar criou um modelo de escola que exigia muito do aluno. Aprendi muito mais que matemática e português na escola. Tive aulas de culinária, pintura, escultura, serralheria, poesia, literatura. Passava muitas horas na escola em práticas esportivas e na biblioteca. Minha escola me preparou para o uso de diferentes “sensibilidades”, por isso, tive facilidade nos desafios que enfrentei. A educação brasileira está muito aquém das necessidades dos alunos. A inteligência racional e o conhecimento (decoreba) de livros didáticos e apostilas não são suficientes. Nossos alunos enfrentam desafios racionais, emocionais, éticos e sociais que a escola não pode auxiliá-los. A educação não é tarefa apenas da escola. Vejo muitas pessoas defenderem a idéia de que somente a educação promoverá o desenvolvimento do Brasil. Uma nação desenvolvida necessita de famílias fortes, de igrejas com responsabilidade

social, de movimentos sociais atuantes, de socialização da riqueza, enfim, de um projeto social amplo, sério e coerente.

Agora vamos falar do NEI, que acabou de completar um ano no dia 21 de março. Sabemos que o Núcleo de Estudos Indiciários é hoje um núcleo de excelência, realizando diversos projetos de pesquisa em áreas de interesse social. O trabalho do núcleo também sustenta uma forte vocação histórica, artística e indiciária; o que se firma quando o núcleo oferece cursos e promove eventos. Mas todo grande centro de pesquisas tem um início, por isso gostaria que você nos falasse um pouco sobre a idealização do NEI. Como foi este sonho?

O NEI é a realização de um projeto idealizado por mim e pela Prof^a Márcia Barros. Em 2005/01 ingressei no Mestrado de História Social das Relações Políticas da Ufes, com o tema “Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala” como orientando da Prof^a Márcia. Nossas discussões acerca do paradigma indiciário fortaleceram o desejo de organizar um grupo de estudo sobre indiciarismo. Então resolvemos ousar e, decidimos organizar o NEI. Realizamos um seminário com o tema “As possibilidades do indiciarismo nas pesquisas em Ciências Sociais” em dezembro/2005, quando apresentamos a proposta de implementação do núcleo. Elaboramos imediatamente o estatuto e iniciamos as primeiras reuniões em uma pequena sala no IC 2. O NEI foi oficialmente reconhecido pela universidade em 21/03/2006. Realizamos o seminário “Razão e sensibilidade: saberes indiciários” em dezembro/2006, e surpreendemos os alunos e professores das ciências sociais e áreas afins, com um evento que apresentou a conciliação de ciência, cinema, pintura, poesia, teatro, música e fotografia: o sonho da interdisciplinaridade tornou-se possível. O NEI também realizou outras atividades importantes como cursos e projetos (em áreas como: cinema, violência, memória, trabalho). O indiciarismo está rapidamente se firmando como uma metodologia consistente, plausível e coerente com os desafios da contemporaneidade. Márcia e eu estamos felizes pela inovação científica, estética e vivencial que o NEI representa na vida de todos os que compartilham deste sonho conosco.

Voltando a falar sobre sua vida e seus projetos, soube de sua grande admiração por Gilberto Freyre. Quando e como esta "paixão" começou?

Conheci Gilberto Freyre através da competente Prof^a Antônia Colbari, quando cursei a disciplina de Formação social, política, econômica e cultural do Brasil. Na época (1997) reclamamos da professora que nos fez ler de uma só vez Casa-Grande & Senzala (de G.Freyre), Raízes do Brasil (de Sérgio B. de Holanda) e Formação econômica do Brasil (de Caio Prado Jr). Confesso que não foi fácil ler três obras completas em uma só disciplina, mas agradeço a Prof^a Antônia por me ensinar a encarar um autor com seriedade e dedicação. Ademais, Antônia nos ensinou outras lições importantes: os autores e suas obras são ferramentas teóricas para se pensar os fenômenos sociais; devemos estudá-los com ética e comprometimento. Apaixonei-me por G.Freyre quando mergulhei em sua narrativa poética e em sua introspecção meticulosa e emocionada do passado. Fiquei muito impressionado com sua escrita. Sonhava um dia escrever assim. Também fiquei fascinado com seu detalhismo e com os temas que privilegiou: a casa, a criança, o escravo, a mulher, a sexualidade, a comida, as cantigas... Nunca um livro falara tanto aos meus sentimentos. Nunca aprendi tanto em uma só obra. Apesar de seu “conservadorismo romântico”, de suas “idealizações” e “contradições”, descobri em Freyre, um autor genial, que não poderia ignorar.

Bom, seja como for, esta sua dedicação na análise minuciosa da vida de Freyre culminou na construção de uma dissertação de mestrado. Qual é a discussão que você faz acerca da obra freyreana?

Meu interesse por Gilberto Freyre e sua obra, data do início de minha graduação em ciências sociais. Estou desenvolvendo uma pesquisa acerca da formação intelectual e da obra de G.Freyre no período que vai de sua infância até 1933 – ano de lançamento de sua obra germinal (Casa-Grande & Senzala). Minha pesquisa segue os parâmetros do *Paradigma Indiciário* discutido pelo pensador italiano Carlo Ginzburg. Estou construindo uma abordagem (que considero) inovadora sobre a formação intelectual de

Freyre: uma Biografia Intelectual Indiciária. Inovadora por que investiga indícios, pistas ou sinais da conciliação razão-emoção-política na formação do autor. De fato, defendo a tese de que sua obra apresenta os parâmetros fundamentais do indiciarismo, ou seja, a análise social freyreana foi elaborada a partir da investigação de minúcias do cotidiano. Minha pesquisa busca uma conciliação de métodos: análise detetivesca (Indiciarismo), a descrição minuciosa (Etnografia) e a história da leitura (Biografia Intelectual). Estou investigando fontes marginais como "desenhos", "garatujas" e "pinturas" da infância, adolescência e primeira mocidade do autor; a "coleção de palavras" citada nos trechos de seu diário; os "livros pessoais" dos mestres que influenciaram sua formação intelectual; "cadernetas de anotações" de livros e autores lidos; "rascunhos" da tese de mestrado *Vida Social no Brasil nos meados do Século XIX* (1922), do *Livro do Nordeste* (1925) e de *Casa-Grande & Senzala* (1933); "cartas" para amigos e mestres no período pesquisado; "fotografias" e "objetos pessoais" e da família freyre etc.

Soube que sua dissertação possui alguns traços característicos de uma tese, é verdade?

Sim. Defendo a tese de que o método freyreano está alicerçado em parâmetros indiciários. Freyre encarava os fenômenos sociais como enigmas e investigava as minúcias do cotidiano para decifrar as relações sociais. Identifiquei traços da análise detetivesca na obra de Freyre. Aliás, os pensadores e obras preferidas do autor – Allan Poe, Conan Doyle, W.Pater, L.Hearn, K.Chesterton, Ortega y Gasset, os irmãos Goncourt, M.Proust, F.Boas, B.Malinowski, entre outros – revelam a mesma preocupação teórica e metodológica: compreender a realidade a partir do estudo dos pormenores reveladores. Outro parâmetro indiciário presente em sua obra é sua busca da conciliação razão-sensibilidade na análise. Freyre não hierarquizava suas fontes e interpretava cada detalhe como uma pista infinitesimal e como uma peça de seu quebra-cabeça sociológico.

Certamente você se orgulha de um trabalho que já é referência para estudos na área, e com razão. Inclusive, o programa de pós-graduação do qual você participa acaba de editar uma publicação de sua autoria. Como foi vivenciar mais esta grande realização?

Recentemente tive o privilégio de publicar alguns ensaios sobre indiciário, organizados por minha orientadora, a Prof^a Márcia Barros. Este trabalho científico, intitulado “Exercícios de Indiciário”, foi publicado pela Coleção Rumos da História, número 6, do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes. São trabalhos de cunho teórico-metodológico acerca dos parâmetros e procedimentos do Paradigma Indiciário segundo os estudos de Carlo Ginzburg. Estou muito feliz pela realização de um trabalho de minha infância na carreira científica. Espero que as pessoas perdoem minhas limitações... Tenho um longo caminho a trilhar...

Toda pesquisa necessita de fontes e dados para ser executada. Você visitou a Fundação Gilberto Freyre, para complementar seu trabalho, como foi esta experiência?

Foi a experiência mais significativa em toda a minha formação acadêmica. Fiquei emocionado, apreensivo e ansioso com a possibilidade de mergulhar no mundo íntimo e intelectual de G.Freyre. A FGF está situada em uma região retirada da cidade de Recife (PE), no antigo Engenho Dois Irmãos. O local é muito bonito e bem cuidado. Conheci a casa do autor, seus objetos pessoais, sua biblioteca com 40 mil exemplares (alguns raríssimos), sua intimidade, preferências e hábitos. No Centro de Documentação tive contato com muitos de seus desenhos, pinturas e fotografias, alguns rascunhos e caricaturas de seus mestres. Também visitei o Espaço Cultural Gilberto Freyre, o Sítio Ecológico e o Memorial. Entrevistei sua filha Sônia Freyre que me confessou algo inusitado: “Papai sempre dizia que devemos prestar atenção aos detalhes. Seja Sherlock! Seja Sherlock! Dizia ele, que era um dedicado leitor de Arthur Conan Doyle”. E completou: “Você está estudando os Sherlockismos de Gilberto Freyre”.

Terminou sua tarefa na Fundação Gilberto Freyre ou pretende voltar lá algum dia?

Minha tarefa está apenas começando. Pretendo voltar muitas vezes. Pretendo ser um pesquisador da FGF. Quero auxiliar a fundação na árdua tarefa de preservar e divulgar o acervo freyreano. Confesso que não queria voltar. Pela primeira vez na vida não senti saudade de casa. Queria ficar em Recife e trabalhar na FGF. Me derramei em lágrimas quando me despedi de Sônia e do mundo de seu pai – o Sherlock Holmes das ciências sociais brasileiras.

Pretende continuar seus estudos no doutorado?

Sim. Não quero ser mais um especialista em Gilberto Freyre. Pretendo realizar um doutorado em ciências sociais, com ênfase na discussão sobre paradigmas do conhecimento – o indiciário e suas possibilidades de pesquisa. Minha inspiração vem da leitura de três autores fundamentais: Freyre – pluralismo teórico-metodológico, Morin – paradigma da complexidade e Ginzburg – paradigma indiciário.

Algum comentário ou consideração final?

Agradeço pela oportunidade de compartilhar um pouco de minhas conjecturas e sentimentos. Agradeço aos que torcem por mim. Agradeço em especial a minha mãe Irene (meu maior amor), ao meu carinhoso pai José (in memoriam), aos meus amados irmãos Sônia (in memoriam), Marcos e Luiz, a João Luiz (companheiro de todos os dias), a minha sobrinha Ridiane (grande admiradora), a minha orientadora Márcia, ao meu assistente Matu (escudeiro fiel, dedicado, confidente...), aos amigos que sempre me incentivaram: Francisco Albernaz, Mauro Petersem, Átala Garcia, Paulo Rogério, Ana Lúcia, Paulo Fabris, Isaias Alves, Iran, Robson Rangel, Karideny Nardi, Rafaela Cavalcanti, Gleydson, Lucas Buzzo, Lohaine Barbosa, Fernando César, Cíntia Ávila, Celeste Ciccarone, Sônia Missagia, Antônia Colbari, Lourdes Araújo, Mário Hélio, Sandra Vicentin, Marta Zorzal, Euzineia Carlos... aos meus ex-alunos Adélio Júnior, Christiane e Ana Maria... ao meu querido Rodolpho

(sensibilidade e razão), a Sônia Freyre e a Gilberto Freyre Neto – aqueles que me auxiliaram na desafiadora tarefa de decifrar os “enigmas viscerais” do grande teórico da “intimidade”.

———— X ————

Fim